



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**JENNEFER MARQUES FERREIRA SILVA**

**DA NARRATIVA PARA O CORDEL: UM ESTUDO DA ADAPTAÇÃO DE O  
PEQUENO PRÍNCIPE EM CORDEL, DE JOSUÉ LIMEIRA**

**GUARABIRA – PB  
2024**

JENNEFER MARQUES FERREIRA SILVA

**DA NARRATIVA PARA O CORDEL: UM ESTUDO DA ADAPTAÇÃO DE O  
PEQUENO PRÍNCIPE EM CORDEL, DE JOSUÉ LIMEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

**Área de concentração:** Literatura Comparada.

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA – PB  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586n Silva, Jennefer Marques Ferreira.  
Da narrativa para o cordel [manuscrito] : um estudo da adaptação de "O Pequeno Príncipe em Cordel", de Josué Limeira / Jennefer Marques Ferreira Silva. - 2024.  
33 p. : il. colorido.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Adaptação. 2. Literatura Infantil e Juvenil. 3. Poesia Popular. 4. Análise Comparativa. I. Título

21. ed. CDD 869

JENNEFER MARQUES FERREIRA SILVA

**DA NARRATIVA PARA O CORDEL: UM ESTUDO DA ADAPTAÇÃO DE O  
PEQUENO PRÍNCIPE EM CORDEL, DE JOSUÉ LIMEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura  
Plena em Letras, da Universidade Estadual  
da Paraíba, em cumprimento à exigência  
para a obtenção do grau de Licenciada em  
Letras.

Aprovada em: 11/6/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Rosângela Neres A. Silva  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Olavo Barreto de Souza  
Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Anilda Costa Alves  
Profa. Dra. Anilda Costa Alves (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À memória do meu avô José Antônio, cuja influência e incentivo foram fundamentais durante a minha trajetória acadêmica. Embora ele não esteja mais entre nós, continua sendo a inspiração que me impulsiona a alcançar novos patamares na vida.

Dedico também à minha mãe Eridinaide e ao meu pai Juraci, por todo o apoio. E a Saint-Exupéry e Limeira e Barros, que nos cativam através dos verdadeiros valores humanos abordados em suas obras.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu Deus por ter me concedido a oportunidade de realizar o sonho de estudar o curso que sempre desejei, e por me capacitar nos momentos em que desacreditei da minha capacidade.

Ao meu avô, José Antônio Vicente (in memoriam), que, embora fisicamente ausente, merece toda a minha gratidão por não ter medido esforços em vida para que eu alcançasse meus objetivos, dando-me todo o apoio necessário para seguir firme no propósito de concluir a graduação; e aos meus pais, que também me deram todo o suporte para que eu pudesse continuar meus estudos.

A todos os docentes da UEPB – Campus III, que contribuíram para a minha formação acadêmica durante a graduação e, em especial, à minha querida orientadora Rosângela Neres Araújo da Silva, pela confiança depositada e pelos conhecimentos compartilhados. Ela me incentivou com sabedoria e paciência, deixando sua marca de excelente profissional em quem me inspiro.

Aos meus colegas de turma e, especialmente, à minha amiga de curso mais próxima, Franciane Araújo. Nossa amizade nasceu desse curso, e guardarei com carinho cada momento de aprendizado compartilhado. Agradeço por tudo e desejo sucesso a todos vocês.

*Apontar influências sobre um autor é certamente enfatizar antecedentes criativos da obra de arte e considerá-la um produto humano, não um objeto vazio.*

(Sandra Nitri)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> O desenho .....	12
<b>Figura 2:</b> O piloto representado como desenhista .....	22
<b>Figura 3:</b> Sextilhas .....	23
<b>Figura 4:</b> O desenho no cordel .....	24
<b>Figura 5:</b> O pequeno príncipe sertanejo .....	25



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	SOBRE A NARRATIVA E O CORDEL.....	10
3	ADAPTAÇÃO DE GÊNEROS LITERÁRIOS.....	16
4	O PEQUENO PRÍNCIPE EM CORDEL: UMA LEITURA.....	21
5	CONCLUSÃO.....	29
	REFERÊNCIAS.....	30

## RESUMO

Este estudo analisa a obra *O Pequeno Príncipe em Cordel*, de Josué Limeira, em uma abordagem comparativa com o texto original *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. A pesquisa baseia-se também nos escritos de autores como Aguiar e Martha (2012), Cademartori (2010), Cunha (2003), Coelho (2000), Marinho e Pinheiro (2012), entre outros estudiosos da literatura infantil e juvenil. O foco deste trabalho está em alguns aspectos de semelhanças e diferenças entre os textos, destacando as características que permitem a transformação da narrativa para o formato em cordel. O estudo visa evidenciar as mudanças na obra adaptada, sobretudo pela regionalidade presente na linguagem, na ambientação e na caracterização do pequeno príncipe. Esse enfoque confere ao texto adaptado uma leitura inovadora, pois examina alguns elementos das duas obras, ressaltando algumas de suas divergências e suas convergências. No entanto, de maneira geral, o estudo analítico-comparativo busca identificar diferentes aspectos do gênero narrativo e do gênero cordel, entendendo as relações e influências encontradas nas duas obras. Espera-se que esta pesquisa proporcione uma compreensão mais profunda da obra infantil e juvenil e suas adaptações.

**Palavras-Chave:** Literatura infantil e juvenil. Poesia popular. Adaptação. Análise comparativa.

## ABSTRACT

This study analyzes the work *O Pequeno Príncipe em Cordel* by Josué Limeira in a comparative approach with the original text *The Little Prince* by Antoine de Saint-Exupéry. The research also draws on the writings of authors such as Aguiar and Martha (2012), Cademartori (2010), Cunha (2003), Coelho (2000), Marinho and Pinheiro (2012), among other scholars of children's and youth literature. The focus of this work is on some aspects of similarities and differences between the texts, highlighting the characteristics that allow the transformation of the narrative into the cordel format. The study aims to highlight the changes in the adapted work, especially due to the regionality present in the language, setting, and characterization of the little prince. This approach gives the adapted text an innovative reading, as it examines some elements of both works, emphasizing some of their divergences and convergences. However, in general, the analytical-comparative study seeks to identify different aspects of the narrative genre and the cordel genre, understanding the relationships and influences found in both works. It is hoped that this research will provide a deeper understanding of children's and youth literature and its adaptations.

**Keywords:** Children's and young adult literature. Popular poetry. Adaptation. Comparative analysis.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisa a adaptação entre as obras *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, e *O Pequeno Príncipe em Cordel*, de Josué Limeira. A análise considera os aspectos de intertextualidade, as semelhanças e as diferenças entre os textos, destacando as características que possibilitam a transformação da narrativa para o gênero cordel.

*O Pequeno Príncipe em Cordel*, adaptação publicada em 2015, narra a história de um menino sertanejo em busca de sentido para a vida, através da amizade. Ele embarca em uma viagem por diferentes planetas, conhecendo personagens que despertam curiosidade e estranheza na busca por respostas. O leitor tem o privilégio de acompanhar impressões e sensações, a cada novo mundo visitado e a constatação de que se aprende sobre os verdadeiros valores humanos.

A obra adaptada se destaca pela regionalidade, que permeia a linguagem, a ambientação e até a caracterização do pequeno príncipe. Esse enfoque transforma o texto em uma leitura inovadora quando comparada à obra original. Na nova obra, a valorização da amizade, tal como retratada em *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry, publicado em 1943, é mantida. A amizade continua a ser um elemento central na existência humana, no entanto, nesse novo contexto, os personagens são colocados em um cenário criativo que promove uma variedade de novas interpretações.

O conceito de regionalidade é explorado em um dos estudos de Haesbaert (2010), que aborda a dinâmica regional como um elemento que pode tanto unir quanto separar grupos específicos formados por regiões. Esse termo se refere às particularidades, tradições e costumes que definem uma área geográfica. Incluem-se aí o dialeto, as vestimentas e outros aspectos predominantes da região, como o nordeste brasileiro, por exemplo. Essas características contribuem para a formação da identidade coletiva dos moradores e podem variar consideravelmente entre diferentes regiões, mesmo dentro de um mesmo país.

Nosso objetivo é comparar determinados aspectos identificados neste estudo. Ao mesmo tempo, analisamos as diferenças e semelhanças observadas nos casos comparados, avaliando os fatores que influenciam essas transformações. Neste sentido, a justificativa da pesquisa reside na relevância de proporcionar o

conhecimento dessa inovação do gênero literário, criando ambientes de leitura crítica e reflexiva para crianças e jovens. Adaptações de textos clássicos estimulam novas percepções e a construção de novos significados. Dessa forma, o estudo proposto parte da seguinte questão: quais recursos literários são utilizados para adaptar a narrativa de Saint-Exupéry para o cordel de Josué Limeira?

Diante disso, o estudo consiste em uma análise comparativa abrangendo os seguintes aspectos: a linguagem e o estilo do texto, a estrutura organizacional dos capítulos e a sequência dos eventos, o desenvolvimento de alguns temas abordados, bem como a caracterização de o pequeno príncipe. Os elementos identificados nas duas obras são examinados, destacando algumas de suas diferenças e semelhanças. Esta análise busca interpretar como os recursos literários contribuem para a experiência leitora da obra adaptada para o gênero cordel.

Esses aspectos foram determinantes na escolha do tema deste trabalho, que se estrutura em três seções, a saber. A primeira seção aborda a distinção entre narrativa e cordel; a segunda explora as adaptações de gêneros literários e a terceira seção se dedica à análise de *O Pequeno Príncipe em Cordel* como uma nova forma de leitura. Com o objetivo de responder à questão proposta, esta pesquisa, de caráter bibliográfico e analítico, fundamenta-se nos estudos de Aguiar e Martha (2012), Cademartori (2006), Cunha (2003), Coelho (2000), Machado (2002), Marinho e Pinheiro (2012) e outros pesquisadores relevantes.

## **2 SOBRE A NARRATIVA E O CORDEL**

Neste estudo, atentaremos para a narrativa escrita em versos, com a representação das ilustrações que passam a dar mais significação ao texto. A obra clássica de Antoine de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*, transforma-se na adaptação de Josué Limeira, *O Pequeno Príncipe em Cordel*, proporcionando ao leitor contemporâneo diferentes campos imaginários e espaços de leitura. Dessa forma, as ilustrações trazidas nas duas obras assumem papel igualmente importante ao do texto escrito, tendo em vista que a parte não-verbal já não pode mais ser considerada uma parte ilustrativa do texto verbal para o público infantil e juvenil.

De início, pontuamos que a complexidade da narrativa faz com que seu gênero seja indefinido, ou seja, a história pode ir além do conto e do reconto. Apesar de ser

uma obra curta, suas discussões ultrapassam gerações. Para Machado (2002, p. 15): “Clássico não é antigo e fora de moda. É um livro eterno que não sai de moda.” Sendo assim, o menino que habitou o asteroide B 612 continua cativando o público leitor, independentemente do tempo, além de ganhar novas formas e novos significados por meio das adaptações. Abordaremos, de modo conciso, alguns elementos da narrativa para a compreensão do desenrolar da história, bem como a vivência das personagens, o tempo e o espaço onde estão inseridas, e a maneira como o narrador organiza os fatos narrados.

Na narrativa, temos a história de um príncipezinho contada por um narrador-personagem. Já na adaptação em cordel, o eu lírico seria o piloto, registrando a memória de um encontro que mudou sua vida para sempre. O viajante só passou a escrever após seis anos da partida do pequeno príncipe. Após nos depararmos inicialmente com pássaros voando como balões no céu, levando o menino em direção à jornada pela busca do sentido da vida, temos a dedicatória dos autores. Saint-Exupéry (2008) oferece a sua melhor criação à criança que uma pessoa grande foi um dia, seu melhor amigo, pois Léon Werth seria capaz de entender todas as coisas, até os livros feitos para crianças. Já Limeira (2023) escreve em versos que dançam uma dedicatória repleta de sutileza.

O diferencial entre a obra clássica e o cordel está nas características regionais, culturais e populares do Nordeste Brasileiro, distanciando o príncipezinho do de Saint-Exupéry com traços europeus. A cultura nordestina possui também influências da ancestralidade europeia. Um exemplo é a cultura dos novos-cristãos, judeus sefarditas que buscaram refúgio no Brasil, vindo da Península Ibérica. Fugindo da Inquisição, esses judeus trouxeram consigo traços culturais europeus, tornando impossível um completo distanciamento das influências europeias. É a partir dessas particularidades que o leitor começa a ser cativado.

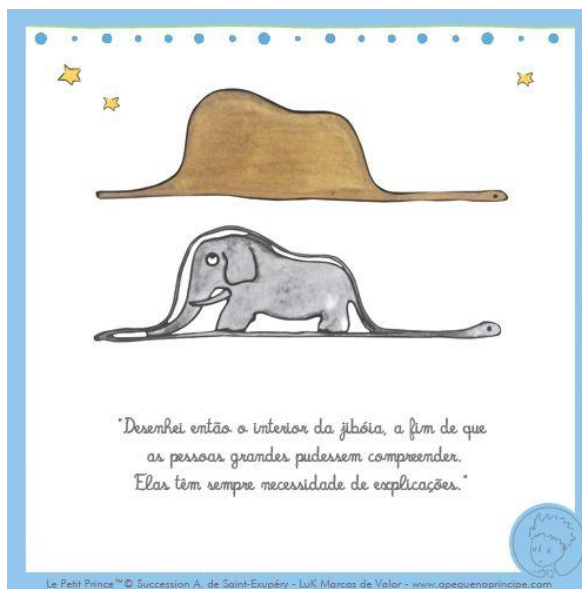
Histórias inspiram histórias, sejam elas reais ou fictícias. Foi a dolorosa guerra que deu origem ao clássico de Saint-Exupéry. O autor vivenciou, como piloto de guerra, missões perigosas durante a Segunda Guerra Mundial, que serviram de inspiração para escrever seu “conto mítico”, repleto de filosofias atemporais relacionadas às desilusões enfrentadas no decorrer da vida. Da mesma forma, Limeira se sentiu inspirado a dar um novo cenário para o pequeno príncipe. Na apresentação do livro, o autor diz: “O encontro da obra de Saint-Exupéry com o gênero cordel se deu manso como as águas de um riacho [...]” (Limeira, 2023, p. 11), ou seja, o autor

projetou a beleza nordestina e as referências de suas origens no cordel, mantendo a fidelidade ao enredo original.

Tendo sido situado pela leitura, o leitor passa a entender, por meio da exposição ou apresentação, que o pequeno príncipe será aquele que passará por vários planetas na tentativa de diferenciar os valores humanos daquilo que parece superficial e temporário. Assim, nos deparamos com inúmeros conflitos, pois cada parte do enredo desenvolve uma reflexão importante. Segundo Machado (2002), quando lemos uma história, descobrimos pessoas idênticas a nós, o que nos dá uma ideia de espelho de nós mesmos. Essa identificação com o contexto fictício promove o entendimento do leitor sobre suas próprias experiências humanas. Tanto a narrativa como o cordel começam colocando em evidência a vulnerabilidade da vida e a morte dos seres.

As duas obras são compostas por vinte e sete capítulos, cuja reflexão filosófica é evidenciada, e as metáforas trazidas em cada capítulo tornam ainda mais significativas as múltiplas camadas de concepções e significados. Para a construção das metáforas, também são utilizados animais e seres inanimados, aproximando-se do gênero fábula. Assim, podemos observar na narrativa os primeiros desenhos feitos pelo viajante quando criança, quando demonstra sua insatisfação relacionada à falta de compreensão das pessoas grandes, porque não conseguiam enxergar o invisível, apenas o visível.

**Figura 1: O desenho**



**Fonte:** Saint-Exupéry, (2008, p. 12).

Nessa perspectiva, captamos a movimentação da narrativa característica da literatura infantil. Embora *O Pequeno Príncipe* atraia leitores de diversas faixas etárias, a nossa linha de investigação tem como prioridade o público infantojuvenil. Os fatos tomados pelo dramatismo chamam a atenção da criança ou do jovem leitor para o livro, proporcionando novas experiências de leitura interessantes para o leitor em formação, repletas de aventuras e fantasias entusiasmantes, alimentando as preferências do jovem leitor. Cunha (2003) aborda que se a história apresenta uma técnica de criação na movimentação, o autor alcançará as crianças com proficiência. Outro padrão relevante acontece quando a produção apresenta o discurso direto.

O texto narrativo para o público infantojuvenil tem em si sequências de diálogos, tornando-se ainda mais referencial para as crianças. A linguagem acessível ao leitor promove uma proximidade dos fatos com a realidade. Esses recursos narrativos têm o intuito de promover a distração, deixando de lado outros objetivos que podem ser considerados complexos. Geralmente, tendem a ter um final feliz, como se as crianças não estivessem preparadas para terem suas expectativas quebradas. Pode ser que, a partir da decepção de um final imprevisível, a criança queira romper com o livro para sempre. Nenhum autor deseja afastar os leitores de suas obras.

Por se tratar de uma narrativa maravilhosa, temos a presença do mistério, do extraordinário, e a presença de um príncipe que se movimenta por vários planetas de forma encantada. Nesse sentido, a força do destino determina os acontecimentos inevitáveis, aproximando o conto da jornada do herói clássico. Para Coelho (2000, p. 177): “A transformação dos seres e das coisas, sem dúvida, está ligada à ideia de evolução da humanidade e do universo [...]”, o que nos faz pensar nas crenças humanas de que seres fabulosos podem interferir diretamente nos fatos vividos, tanto para o bem como para o mal. Qualquer personagem pode sofrer ou passar por essa metamorfose, até que outro ser mágico consiga desencantar o encantamento.

É importante destacar os aspectos mágicos presentes nas duas obras. Segundo Coelho (2000), a mediação mágica que ocorre no desenrolar de uma narrativa maravilhosa sugere uma intervenção não-humana. Valores ético-ideológicos também orientam essas produções, destacando experiências humanistas e a consciência como mediadoras do equilíbrio entre as forças do bem e do mal, assim como entre o certo e o errado. Observamos a astúcia superando a força física, a ordem natural das coisas e seres aparentemente imutáveis, os mais velhos como

autoridades de um poder superior, e as qualidades estereotipadas atribuídas às mulheres, dentre outros aspectos.

Por outro lado, o cordel ganhou a fama de poesia popular, nascendo da oralidade. Antigamente, no final do século XIX e no início do século XX, essa arte literária ocupava lugares de disputa entre os cantadores de viola. Os fatos do cotidiano, o amor e até mesmo o sofrimento serviam de inspiração para os textos dos poetas. A cultura da literatura de cordel cresceu por todo o país, experimentando tempos de valorização e tempos de carência, sendo deixada em segundo plano na lista de prioridades das leituras escolares, por exemplo. Marinho e Pinheiro (2012) fazem uma contextualização sobre o que dizem os poetas sobre a origem do cordel. A literatura de cordel surge por meio dos estudiosos que decidiram referenciar os folhetos que eram comercializados nas feiras das cidades pequenas do interior, aproximando os folhetos dos livros que eram vendidos baratos em Portugal, denominados de cordéis.

O que era literatura de folhetos passou a ser chamado de literatura de cordel, uma vez que o termo se popularizou em todo o Brasil, e até mesmo os poetas se apropriaram do termo, tomando posse como cordelistas. Essas produções não podem ser inferiorizadas por terem nascido da oralidade. Acontece que apresentam características estéticas e existem regras de composição e comercialização; como toda produção, as obras são destinadas a um público. Do mesmo modo que toda expressão artística apresenta subjetividade, com o gênero cordel não poderia ser diferente. É pertinente dizer que existem variados tipos de cordéis, como as pelejas, os folhetos de circunstância, ABCs e romances, embora a sextilha (estrofe de seis versos) seja o tipo de estrutura mais usada entre os cordelistas.

Na composição dos poemas, somos capazes de encontrar a inventividade do poeta, a capacidade de trazer novidades, inventar, reinventar, e criar novos aspectos, uma particularidade encontrada na literatura infantil. Não existe um critério específico para produzir literatura de cordel, mas é de suma importância que a temática de cada história represente o universo nordestino, fazendo dele o protagonista maior. Claro que há exceções quando as histórias não representam o universo nordestino. Uma obra bastante celebrada da literatura de cordel, *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende, não se ambienta no Nordeste nem possui personagens nordestinos.



Uma singularidade que pertence ao gênero é o uso das xilogravuras, ilustrações que se destacam nas capas dos cordéis. Tais ilustrações também podem ser feitas através de desenhos, fotos dos artistas, e as xilogravuras populares são por vezes desenvolvidas pelos próprios artistas com o intuito de compor a obra construída em versos.

Conforme Marinho e Pinheiro (2012), os antigos folhetos não eram feitos para um público específico. Não se fazia cordel para pessoas grandes ou pequenas. Porém, mesmo que não houvesse público-alvo, as histórias maravilhosas caíram no gosto das crianças e dos jovens. Apoiados nessa predileção, estudiosos perceberam a necessidade de pensar em espaços/situações para que o público infantojuvenil tivesse acesso à literatura de cordel. O poeta, através de seus textos, explora a fantasia, desenvolve cenários lúdicos, brinca com o ritmo dos versos e faz uso de animais falantes, assim como nas fábulas. Da mesma maneira, algumas tendem a deixar uma moral da história, aspectos que se aproximam dos textos produzidos para crianças. É comum que os bichos ganhem mais destaque nessa literatura, promovendo o mundo de fantasias do pequeno ouvinte/leitor.

Vários contos de fadas foram adaptados para novas versões em cordel. Alguns dos contos de fadas adaptados incluem: Cinderela, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho entre outras adaptações. Pesquisadores há muito reforçam a necessidade da vulgarização da leitura de cordel nas escolas, destacando a função valorosa da ligação da literatura de cordel com a literatura infantil, operando a favor da competência do aluno de fazer uso da língua por meio da poesia popular. É importante para o jovem conhecer e, ao mesmo tempo, apropriar-se de sua cultura, conhecendo e reconhecendo a versatilidade das nossas produções conterrâneas, que abordam temas geradores de discussões na comunidade. De forma despretensiosa, contadores de histórias orais, sejam infantis ou não, nos presentearam com um imenso serviço cultural. Levando em conta que essas histórias divertem e informam, quem busca conhecimento regional ou de mundo, manifestam reivindicações, o cordel serve como mecanismo de denúncia, lutando contra as injustiças do corpo social.

### 3 ADAPTAÇÃO DE GÊNEROS LITERÁRIOS

Quando falamos sobre o processo de criar novas histórias a partir das clássicas, estamos nos referindo às adaptações, que são narrativas contadas novamente sob uma nova perspectiva. Os textos originais não perdem sua importância, pois representam um legado já consolidado no imaginário das crianças e dos jovens leitores, conectando-os ao mundo das fantasias e do encantamento. A adaptação de histórias clássicas promove atividades orais, uma vez que a contação de histórias amplia o conhecimento de mundo e oferece diversas possibilidades para interpretar personagens em diferentes contextos.

De acordo com Aguiar e Martha (2012, p. 14), "em tais casos, recontar implica simplificar a trama e a linguagem, considerando o público-alvo a que os textos adaptados se destinam." Ou seja, a proposta de recontar histórias visa inovar elementos e modernizar aspectos de um período anterior para que os leitores possam conectar-se ao cenário contemporâneo. Além da necessidade de considerar as experiências do público infantojuvenil, é importante reconhecer que suas necessidades de leitura diferem das necessidades do público adulto.

Ao analisarmos o conto e o reconto como produções oriundas da oralidade, compreendemos a facilidade que ambos os gêneros têm para se multiplicar, tornando-se inúmeras outras histórias. Novos significados passam a ser atribuídos, como nos contos de encantamento, religiosos, de adivinhação, nos que tratam da morte e nos que seguem a tradição. O contador de histórias de um povo reconta as narrativas de suas raízes, enquanto o narrador ou o eu lírico ganha vida ao contar histórias para um público real. Essa identificação com o narrador aproxima o leitor dos gêneros literários conto e reconto, favorecendo cada vez mais as adaptações produzidas nacionalmente. Segundo Aguiar e Martha (2012, p. 22), "em outras palavras, no reconto o narrador faz sentir sua presença." Essa presença instrui por meio de alusões morais, proporcionando uma visão do adulto direcionando a criança ao "politicamente correto", ao mesmo tempo em que promove reflexões através da ludicidade.

Quando uma obra é adaptada, o autor pode ir além do original, incorporando novos aspectos que fazem a diferença. Os temas abordados podem divergir do texto-fonte, ganhando uma nova roupagem conforme as intenções do narrador. O texto pode ter um tom lírico ou humorístico; pode refletir questões atuais ou usar metáforas

para que o leitor decifre enigmas (como se também fizesse parte da história); pode ter uma intenção moralizadora ou simplesmente ser uma diversão. Essas adaptações, de fato, são voltadas para o público infantojuvenil, pois os autores acrescentam mais significado à literatura infantil ao investir em ilustrações, criando um universo ainda mais lúdico.

É na simplicidade do reconto que o leitor se distancia da realidade ou se aproxima dela. Por meio das narrativas folclóricas, a realidade das pessoas é representada, incluindo as adversidades, os anseios, os desejos e os medos que todos nós experimentamos desde que o mundo é mundo.

Se um escritor decide adaptar uma história estrangeira, a nova versão oferece ao leitor a oportunidade de ampliar seus horizontes de aprendizagem. Trata-se de uma característica pedagógica que visa fomentar conhecimentos valorizados por uma determinada cultura. Por essa razão, devemos preservar a herança cultural das histórias populares do nosso país; apenas dessa maneira conseguiremos manter viva nossa identidade. Por mais que a cultura, como produção humana, nunca seja pura, ela está sempre em contato com outras culturas, sejam elas contemporâneas ou de diferentes épocas. A identidade de um povo representa uma forma de resistência contra qualquer tipo de colonização que possa surgir com a evolução da globalização. Portanto, por meio da literatura infantil brasileira, as adaptações de gêneros têm sido uma ferramenta importante para muitos autores na proteção da nossa herança cultural.

Conforme Aguiar e Martha (2012), a arte destinada ao público infantil é um fenômeno recente na história da humanidade. As crianças só passaram a ter mais visibilidade a partir da Idade Moderna, pois antes estavam incluídas nas produções populares antigas. Os autores encontraram inspiração na literatura popular, utilizando contos de fadas, mitos e lendas como recursos para novas criações. Surgiu a necessidade de adaptar textos clássicos para os novos leitores, devido às diferenças de conhecimento e experiência entre crianças e adultos. Assim, concluiu-se que o público infantojuvenil deveria receber atenção especial, com obras que refletissem a realidade, os interesses pessoais e a própria visão de mundo das crianças.

Sob essa perspectiva, as adaptações começaram a surgir no Brasil no século XIX. Nomes como Figueiredo Pimentel e Monteiro Lobato passaram a produzir literatura infantil e juvenil, conferindo maior prestígio a essa categoria. A intenção desses autores era desenvolver histórias a partir de outras já existentes, reutilizando

elementos dos tradicionais contos de fadas e estabelecendo intertextualidade com os textos clássicos. Nesse contexto, nasceram os primeiros recontos brasileiros.

Os recontos geralmente mantêm a essência do texto-fonte, adaptando-se para atender às necessidades do público-alvo, além de incorporarem elementos adicionais à narrativa, com o objetivo de oferecer algo novo ao leitor. Dessa forma, observamos a iniciativa dos autores em partir de histórias clássicas para criar uma nova versão, modificando personagens, alterando ou adicionando novos significados aos elementos do enredo, e ao mesmo tempo agregando novos valores à narrativa.

Entendemos a ligação inquestionável entre literatura infantil e educação, mas para evitar mal-entendidos, é importante destacar que a responsabilidade pela educação formal não recai sobre o gênero literário. Conforme Cademartori (2010, p. 8): "A natureza literária já a coloca além dos objetivos pedagógicos, bem como dos ideais, costumes e crenças que os adultos querem transmitir às crianças." O objetivo primordial da literatura infantil é garantir o entretenimento, incentivando o leitor a explorar as possibilidades estéticas e subjetivas do texto. Não é por acaso que a educação formal encontrou nesse gênero literário uma maneira de potencializar o ensino da língua nas escolas para os alunos.

A partir dessa premissa, surge a ideia de que "quem lê muito, escreve melhor". Acredita-se que a habilidade de escrever bem seja uma consequência natural para o leitor assíduo, mas isso não significa que esses resultados sejam uma regra. Aqueles que têm o hábito da leitura, que apreciam uma variedade de livros de histórias, tendem a desenvolver uma capacidade aprimorada de escrita, assim como conseguem adquirir uma visão de mundo mais ampla a partir das informações obtidas por meio dessas leituras, mesmo que essa não seja a principal função da literatura. Dito isso, o repertório formado por uma criança que lê frequentemente lhe proporciona experiências com a linguagem e com os significados. Em outras palavras, a criança constrói seu próprio conhecimento com autonomia.

O gênero da literatura infantil busca oferecer novidade ao público leitor, evitando simples transposições e produzindo cuidadosamente obras que apresentam talentos de qualidade incomensurável. Essas qualidades são confirmadas pela recepção dos livros, que ganham maior difusão por meio da internacionalização do comércio. No caso de um país que é considerado uma potência mundial, seus livros infantis rapidamente chegam a outros países devido à internacionalização do gênero, tornando-se conhecidos mundialmente.

Alguém pode se perguntar como podemos identificar as características que definem o gênero infantil. A resposta, segundo Cademartori (2010, p. 16), é que "[...] se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor." A faixa etária do público-alvo influencia o narrador e sua abordagem. Se a obra pertence ao gênero da literatura infantil, ela certamente terá aspectos predominantes do nível de leitura que o leitor pode atingir.

Assim, o produtor de histórias consegue se comunicar com o leitor a partir da identificação da faixa etária, levando em consideração o universo de experiências da criança e do jovem, bem como atendendo às suas necessidades de leitura. A estruturação do texto inclui uma linguagem diversificada, combinando elementos verbais e não verbais, adaptando-se ao conhecimento prévio do público leitor. Da mesma forma, os temas são selecionados com o objetivo de atender às expectativas dos leitores, ao mesmo tempo que elementos surpresa são utilizados para despertar a curiosidade e o entusiasmo das crianças. Se um texto apresenta ideias monótonas, sem oferecer novidade do ponto de vista de quem lê, dificilmente o leitor terá interesse em chegar ao final da história, muito menos em reler a obra.

Na literatura infantil, encontramos autores do gênero que se expressam de diversas maneiras, processo que contribui para definir o público-alvo dos livros. Esse processo leva à busca por temas que tratem de questões sociais, raciais, sexualidade, classes sociais, entre outros assuntos. Os jovens buscam identificação com as histórias e a possibilidade de aprender algo com os livros, até porque, em muitos casos, não se sentem confortáveis para discutir certos temas com adultos. Mesmo que seja irônico pensar que os livros são produzidos por adultos, ainda assim, para o jovem leitor, o contato com a obra, a barreira que existe entre narrador e escritor, faz com que ele se sinta mais à vontade para explorar o conhecimento de mundo sob diferentes perspectivas.

Se pararmos para analisar, podemos detectar duas vertentes nos processos textuais do gênero. A primeira forma de produção é a manifestação dos ideais dos adultos, dos pensamentos enraizados que os mais velhos desejam transmitir aos mais jovens por meio dos textos. Um exemplo disso ocorre quando os livros representam sonhos de infância, concepções racionais e ideológicas daquilo que as pessoas adultas pensam. Já a segunda vertente respeita o público infantojuvenil e "[...] são aquelas cujos textos têm potencial para permitir ao leitor infantil uma ampla possibilidade de atribuição de sentidos àquilo que lê." (Cademartori, 2010, p. 17). A

intenção é fazer com que a criança se sinta criança, explorando a linguagem enquanto se diverte com seus efeitos e significados, ao contrário do que seria impor as intenções do autor.

Um fator que tem transformado as obras infantis ao longo do tempo é a dinâmica de interação entre textos verbais e visuais. As ilustrações passaram a representar as palavras do livro, além de introduzir novos elementos que podem não estar descritos ou narrados no texto escrito. Nenhum deles se sobrepõe ao outro; juntos, eles agregam algo maior em termos de significado, prendendo a atenção do leitor.

Na indústria de livros, encontramos gêneros sem nenhuma palavra, outros que combinam ilustrações e palavras, além dos livros tradicionais compostos apenas de texto. A contribuição das imagens proporciona variedade, atendendo leitores de todas as faixas etárias, desde os mais jovens até os mais velhos, tanto letrados quanto não alfabetizados. Por isso, hoje, o ilustrador é considerado um narrador, pois também cria histórias por meio das imagens. Essa relação entre texto verbal e não verbal pode ser mais complexa do que imaginamos, considerando a maneira como ambos se complementam ao tratar de uma mesma história.

Reconhecemos a importância da leitura no desenvolvimento intelectual da criança, ampliando sua criatividade ao recriar ou recontar uma história conhecida. Suas emoções podem ser expressas por movimentos que representam livremente elementos da história lida, contada e recontada. Segundo Cantuario, Marques e Da Silva (2019), assim como a escola tem o compromisso de alfabetizar crianças e jovens, os responsáveis por esses alunos fora do ambiente escolar também devem assumir a responsabilidade de serem agentes disseminadores da leitura, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades leitoras. O contato precoce com livros estimula a atividade sensorial, já que a criança não apenas ouve a história, mas também passa a questioná-la, revelando que aqueles que ouvem e fazem perguntas instigantes estão se tornando leitores capazes de usar a imaginação, inventar e criar seu próprio repertório de leitura.

Dessa maneira, entendemos que a relação entre ler, contar e recontar é uma parte essencial do processo de contar histórias. O olhar de uma criança é diferente do de um adulto, e percebemos isso quando uma criança, depois de ler ou ouvir uma história, decide recontá-la, reformulando alguns aspectos, mas mantendo uma linearidade com início, meio e fim. O sentido geral não se perde e, em vez disso, ganha

força com as diversas possibilidades de sua imaginação, criando uma ponte criativa. O gênero infantojuvenil busca "[...] investir em modos originais e instigantes de expressão." (Lajolo; Zilberman, 2017, p. 80). Assim, a intenção é preparar um leitor competente em suas habilidades de leitura, capaz de interagir com livros inovadores e de se envolver profundamente ao interpretar, compreender e recontar da forma que lhe pareça apropriada, manifestando a linguagem a partir de uma perspectiva infantil.

#### **4 O PEQUENO PRÍNCIPE EM CORDEL: UMA LEITURA**

As memórias infantis tendem a ter clareza e longa duração, pois nessa fase as lembranças estão sendo construídas por tudo que lhes for apresentado, contribuindo para a construção de seu imaginário. Nesse sentido, a obra de Josué Limeira, *O Pequeno Príncipe em Cordel*, que é uma adaptação do clássico de Antoine de Saint-Exupéry, pode promover o acesso do público infantojuvenil à variedade de textos universais. Além disso, por meio de uma obra contemporânea que se aproxima de um contexto mais regionalista, essa adaptação contribui para enriquecer o imaginário das crianças, conectando-as com sua cultura local enquanto as introduz a histórias de alcance global.

Sendo a leitura um direito de todo cidadão, livros de diferentes gêneros precisam estar à disposição das crianças e dos jovens, visto que “a verdadeira democratização da leitura é poder ter acesso, se desejarmos, à totalidade de experiência da leitura, em seus diferentes registros.” (Petit, 2009, p. 60-61). Nesse cenário inclusivo, podemos falar de *O Pequeno Príncipe em Cordel* como mais uma obra formadora do leitor de literatura infantojuvenil. O cordel conta em versos a história do menino de reflexões fortes no sertão brasileiro, trazendo representatividade ao povo nordestino, além de colocar em destaque toda beleza do nordeste, as peculiaridades do espaço, das formas linguísticas e chamar atenção para a cultura popular. O autor trouxe identidade para a obra, assim como suas raízes regionalistas, o orgulho de fazer parte de um povo que resiste às adversidades, mantendo firme a coragem e a luta.

Encontramos na adaptação a originalidade do clássico devido a multiplicidade de temas apresentados, as novas possibilidades de recontar a história do pequeno príncipe, assim como as ilustrações feitas por Vladimir Barros trouxeram novidade ao

texto tornando-o popular. Considerando o contexto em que o texto clássico foi produzido, bem como as aquarelas do livro que foram feitas pelo próprio Saint-Exupéry, não temos, por exemplo, a representação do viajante. Porém, no cordel, temos o viajante fazendo os seus desenhos de infância em cima de uma árvore a luz de uma vela, como mostrado na ilustração a seguir:

**Figura 2:** O piloto representado como desenhista



**Fonte:** Limeira e Barros, (2023, p. 12-13).

As cores escuras compõem o cenário, fazendo-nos refletir sobre a linha de investigação da pesquisa: o que muda da narrativa para a adaptação em cordel? A cartela escura evoca a ideia de memória e passado distante, um elemento presente no íntimo de quem a conta. Ela resgata a essência do cordel como parte de uma era distinta, com seu caráter marcado pela xilogravura, que é emblemática desse tempo que já se foi. O desenhista aparece vestido todo de couro, com um chapéu na cabeça, desenhando à noite figuras que mais parecem xilogravuras. Os desenhos são acompanhados de simplicidade nas formas, criando paisagens e personagens nordestinos, transmitindo fantasias e criaturas fantásticas que se assemelham à realidade dos leitores. Certamente, o ilustrador desejava semiotizar ao máximo a história.

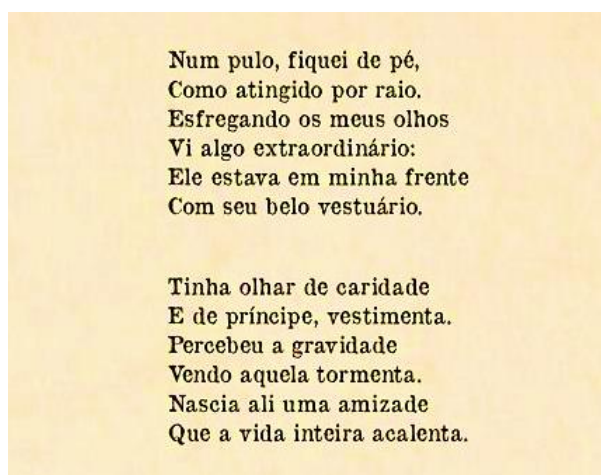
Vemos já de início, na obra de Saint-Exupéry, que a falta de compreensão das pessoas grandes gerou insatisfação no viajante quando criança, pois seus desenhos não eram compreendidos. Já na versão em cordel, o viajante passa a ser representado como um dia desejou ser reconhecido: um desenhista. Houve então a



continuidade da história clássica; os desenhos de infância, que um dia foram conservados, ganharam visibilidade, assim como o piloto também realiza seu sonho de criança de ser visto seguindo a carreira de pintor. Ele encontra propósito na amizade que o fez retomar essa busca, a busca por ser finalmente entendido, lembrando que o viajante só volta a desenhar após seu encontro com o pequeno príncipe.

O modelo de composição de Limeira (2023) mostra sua inventividade na construção dos versos. A partir dessa nova roupagem, o autor conseguiu trazer originalidade para a produção do cordel. A história é escrita em sextilhas, estrofes de seis versos que contam a viagem do príncipezinho com nuances de aventura, amor e mistério. Esses versos não obedecem a regras quanto à métrica e não têm regularidade de rimas.

### Figura 3: Sextilhas



Fonte: Limeira e Barros, (2023, p. 21).

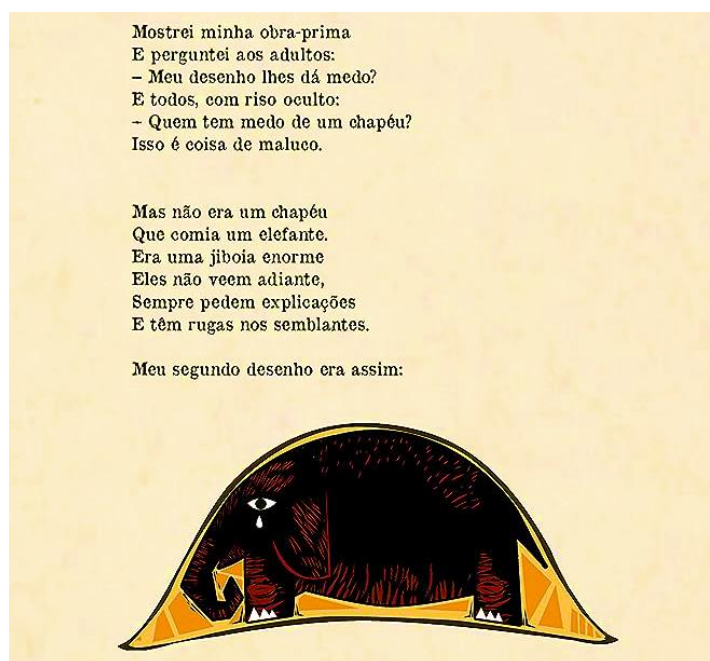
A natureza poética proporciona encantamento; ao recitarmos os versos, sentimos a musicalidade no ritmo e podemos incorporar, na leitura, o sotaque nordestino se fazemos parte desse contexto, explorando o uso da linguagem em todos os sentidos. Cada detalhe da fantasia promove o prazer da linguagem poética, proporcionando experiências visuais e coletivas. Através dessa leitura, aprendemos a reconhecer as diferenças entre nosso eu e o outro; mais do que apreciar, passamos a valorizar nossa cultura.

Não nos preocupamos em analisar as regras métricas do texto, mas buscamos investigar o que essa leitura pode oferecer de melhor ao leitor. Percebemos, no

decorrer da história, o bom humor nas escolhas das palavras e expressões de regionalidade usadas no Nordeste. Há momentos tensos expressos pelo eu lírico que se tornam mais leves devido ao uso dessas palavras, como, por exemplo, roncar, maluco, chviscar, moleza, hein, close, prumo, paiol, torresmo, ribeirinho, sacudindo. As palavras são conhecidas e usadas em todo o país. Entretanto, o autor brinca com o contexto, tornando divertida a sequência de fatos, apesar de tratar de assuntos mais complexos.

Logo de início, o desenhista nos apresenta seus desenhos de infância (a jiboia comendo o bicho) e percebemos que Vladimir Barros adiciona uma lágrima nos olhos do elefante. Por isso, numa primeira leitura, podemos nos questionar o porquê de o livro começar com morte diante de tantos outros temas possíveis. Atentemos para o contexto em que as personagens estão inseridas; períodos sombrios fazem parte da história da humanidade, e esta história mostra que através da amizade e compaixão podemos superar momentos difíceis. Em *O Pequeno Príncipe em Cordel*, a parte dolorosa da vida não é escondida.

**Figura 4:** O desenho no cordel



**Fonte:** Limeira e Barros, (2023, p. 15).

Cada capítulo apresenta uma ilustração que nos convida a explorar essa história da amizade. Utilizando cores terrosas e chamativas, tons amarelados e

alaranjados, cactos simbolizando a região sertaneja, e o sol como o protagonista maior, iluminando todo o cenário, a história é adaptada para o solo nordestino.

O significado das cores pode ser bastante diverso. Quando pensamos na natureza, as cores podem simbolizar elementos terrestres, como o solo (marrom), o pôr do sol (vermelho e amarelo) e a noite (preto). Na arte, podem ser usadas para criar contrastes e destacar elementos específicos. Na psicologia das cores, o amarelo pode representar otimismo e energia, o vermelho pode simbolizar paixão e intensidade, o marrom pode denotar estabilidade e confiabilidade, e o preto pode transmitir elegância e mistério.

Na obra adaptada, o pequeno príncipe aparece pela primeira vez no capítulo intitulado "O encontro", quase implorando ao piloto que desenhe para ele um carneiro. Diferentemente do príncipe europeu de pele clara, cabelos loiros e trajes clássicos formais, o pequeno príncipe sertanejo tem a pele queimada de sol, cabelos dourados combinando perfeitamente com o chapéu do cangaço, veste capa de couro, bermuda e sapato ao invés de botas, além de luvas e um punhal, o que lhe fornece um ar nobre e altivo. Quando Limeira (2023) mantém os cabelos claros, podemos pensar na miscigenação resultante da colonização feita por Portugal no Brasil. Mesmo sendo brasileiros, ainda temos raízes europeias. Talvez por esse motivo, o autor tenha decidido manter alguns traços da obra clássica. Ainda assim, não faria sentido adaptar a narrativa sem modificar o menino do B 612 ao novo cenário, como vemos na ilustração a seguir:

**Figura 5:** O pequeno príncipe sertanejo



**Fonte:** Limeira e Barros, (2023, p. 21).

É possível encontrar nessa leitura o prazer da decifração e o estímulo da exploração do novo. Os elementos de reflexão sobre a brevidade da vida, tratando da morte, não chegam a ser um obstáculo, porque a criança e o jovem são atraídos com tanta intensidade na busca por respostas que acabam tornando essa obra objeto de conhecimento e deleite. O leitor se permite fascinar pelas palavras e pelas ideias, fazendo dessa experiência um presente inesquecível, um texto revelador para a criança que lê e se identifica com o que até então poderia ser um fato oculto.

A valorização das coisas mais simples propõe uma leitura repleta de verdades profundas sobre os valores humanos, embora as duas obras não sejam obras moralistas que forcem ideias conclusivas. Da mesma forma que o pequeno príncipe parte numa viagem em busca de respostas, propósito e sentido da vida, enquanto lemos, fazemos nossa própria jornada realizando experiências igualmente extraordinárias, próxima da jornada do príncipezinho. Como diria Machado (2002, p. 77): “é um transporte para outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de outro, passando a ser alguém que não é no mundo cotidiano.” Isso explica a vitalidade e a permanência atemporal da história.

Embarcamos nos planetas visitados, assim como nos diálogos entre as personagens. As impressões provocadoras do pequeno príncipe promovem discussões no campo dos estudos literários. Nessa dicotomia entre o visível/invisível, é desenvolvida a leitura crítica, contextualizada, aumentando a estima pelo ato de ler através dos elementos de mudanças e diferenças. Por meio do dinamismo da cultura, o texto adaptado transforma o clássico, recriando temas, evidenciando esse aspecto da literatura de cordel que contribui com o conhecimento popular. Poetas populares corroboram essa marca ao fazerem uma ponte entre o cordel e a literatura infantil. Temos a fantasia poética movendo as provações do texto em cordel, assim como a falta de sentido dos planetas visitados, os aprendizados encontrados no planeta Terra e o retorno às origens.

Os pontos de contato entre o real e o imaginário conversam com naturalidade, visto que o objetivo de enxergar com o coração tem um sentido profundo, reforçando a importância de “voltar a ser criança” para que se possa pensar com a esperteza de uma. Vemos em *O Pequeno Príncipe em Cordel* a disseminação cultural desde a dedicatória do livro até o fim da comovente jornada do pequeno herói. A leitura e a

discussão da obra propiciam conhecimento de identidade e representatividade, transformando a percepção de mundo de quem lê como forma de construir-se a si próprio. O poeta popular não optou por fazer uma mera transcrição da obra clássica, mas buscou enfatizar ao máximo todos os aspectos da história.

Ao serem empregadas camadas de significação nas sextilhas, o texto é conduzido à própria identidade do escritor. Prevalece a ideia de conservarmos a criança que somos ou fomos um dia, a valorização das amizades verdadeiras que fazem a vida ter sentido. O cordel mantém a amizade no centro da história, pois só conseguimos nos reconhecer no outro. O pequeno príncipe tem sua essência preservada quando os silêncios circunstanciais permanecem, nos fazendo entender que o silêncio também pode ser resposta. A melancolia ao assistir várias vezes ao dia o pôr do sol, a incansável insistência em fazer perguntas na busca por respostas reflete a necessidade de entender o porquê das coisas.

Fica, portanto, clara a importância que temos dado à vida. Questionamentos que nos levam a refletir sobre como nosso tempo tem sido gasto. Por vezes, o tempo é enfatizado como se tudo fosse uma questão de tempo para as pessoas grandes. Um tema leva ao outro, provocando releituras, levando em conta perguntas não esperadas, entusiasmando os leitores diante das tentativas de encontrar soluções para os problemas vindos de alguém tão pequeno fisicamente. Na verdade, os adultos são considerados esquisitos para o menino, e não foi à toa que todo estranhamento o fez partir de um planeta para outro. No sétimo planeta, a Terra, acabou ficando mais tempo, resolvendo deixar de lado “a viagem sem volta”, decidindo voltar às suas origens.

Nada mais sensato do que os vícios humanos representados. As representações funcionam como um tipo de espelho onde conseguimos enxergar o homem em absoluta vaidade, autoridade e ganância, vazio completo de sentido e autodestruição. Ainda assim, na obra adaptada, o pequeno herói segue viagem em busca do segredo, “a verdadeira amizade que faz o enredo da vida” (p. 109). Todos os diálogos transmitem ideias filosóficas com o intuito de deixar uma mensagem ao leitor. Não é por acaso o encontro do pequeno príncipe com a serpente, considerando a simbologia bíblica do animal, bem como a menção feita: “ao pó sempre devolvo” (p. 110). A voz da serpente faz alusão à efemeridade dos seres, lembrando-nos dela exercendo o papel da morte e da ruptura com o paraíso na Bíblia.

Além da serpente, somos apresentados à raposa, também símbolo de astúcia; nas montanhas, o príncipezinho desejou um amigo e logo em seguida encontrou a raposa. Nesse momento, em ambas as obras, todas as provações são compensadas, pois finalmente o segredo que poderá dar sentido à vida é revelado. Em suma, a lição de cativar e ser cativado torna as pessoas únicas no mundo. Esse diálogo entre o pequeno príncipe e a raposa traz à tona uma verdade esquecida: o essencial é invisível, e há uma responsabilidade em levar felicidade quando cativamos amizades. Esta descoberta catártica ressignifica a existência do pequeno herói, que também compartilha as histórias de seus encontros com o piloto. Os acontecimentos descritos desencadeiam no fim da jornada: o pequeno príncipe e o piloto absorvem sabedoria e alegria, chegando assim o momento da despedida. O príncipezinho acaba por aceitar a oferta da serpente com o intuito de retornar ao seu planeta. Essa volta às origens é marcada como um “rito de passagem.”

A lógica interna nessa alusão à morte física pretende dizer que é possível vencer a vulnerabilidade da vida, dando-lhe um sentido maior, como se houvesse a transformação da matéria. Acompanhamos a sensação de medo dessa partida, o piloto temendo perder seu amigo, enquanto a serpente conduz o herói às suas origens. Após seis anos, o piloto decide registrar o encontro que mudou sua vida, movido também pela saudade que ficou. Teria sido uma forma de manter viva a história de alguém único, que sempre existirá por ser lembrado ao ser visto com esperança nas estrelas.

Ainda que a história tenha sido adaptada para o gênero cordel, seu modo de produção é de longe conciso, prevalecendo, então, o caráter mítico da narrativa fantástica que não se perde, favorecendo a leitura comparada. Com isso, afirmamos que a experiência em cordel vai muito além da leitura e da recitação e oferece, na verdade, temas significativos e traços de informações de regionalidades representativas que fazem parte do uso da linguagem do povo nordestino e, ao mesmo tempo, contribuem na formação de leitores de cordéis e da literatura em geral. Dá oportunidade, sem dúvida, do encontro com a experiência cultural que está sendo representada no texto adaptado, cultivando os apreciadores da literatura popular.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No tocante à temática abordada neste trabalho, conseguimos explorar alguns recursos adaptados na obra *O Pequeno Príncipe em Cordel*, de Josué Limeira. Como se pode perceber na leitura desta pesquisa, caracterizou-se a relação entre o texto adaptado e o texto clássico, o que foi demonstrado através dos mecanismos que possibilitaram a passagem da narrativa para o cordel.

A análise da obra identificou algumas das principais modificações no texto de Josué Limeira, bem como a caracterização dos ambientes regionais adaptados e seus efeitos de sentido. Este processo destaca a importância de valorizar as experiências locais, encontrando maneiras poéticas de envolver diversos leitores. É crucial promover a disseminação da poesia popular nas diferentes regiões do Nordeste. O acesso a textos representativos enriquece significativamente a formação leitora e cultural de crianças e adolescentes.

Na verdade, o diálogo com a cultura enriquece a experiência com a poesia oral presente em todas as comunidades do país. Quando se tem a oportunidade de ler em busca de significados, a perspectiva muda, promovendo o prazer pela leitura. Portanto, o ambiente escolar desempenha um papel essencial na divulgação dessas experiências. Em resumo, o livro para jovens leitores continua a alcançar novos e variados públicos, com diferentes níveis de conhecimento e contextos socioculturais. Além disso, valoriza as adaptações que atualizam as histórias no imaginário desses leitores. Espera-se que esta pesquisa proporcione uma compreensão mais profunda da obra infantil e juvenil e suas adaptações.

Na literatura de cordel, encontramos uma variedade de temas e situações humanas abordadas de maneiras distintas. Essa diversidade pode ser utilizada para estimular discussões e conscientizar os indivíduos sobre sua herança cultural. O mais importante é que o cordel seja um instrumento de vivências agradáveis e, ao mesmo tempo, seja reconhecido como uma valiosa produção cultural. Assim, ele pode ser preservado e valorizado, integrando-se à experiência de vida das novas gerações.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Texeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (Orgs). **Conto e reconto: das fontes à invenção**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.

CANTUÁRIO, Victor Andre Pinheiro; MARQUES, Fabiana Pereira; DA SILVA, Marlene Ferreira. **A arte do ler, contar e recontar na literatura infantil**. Via Atlântica, v. 20, n. 2, p. 305-320, 2019.

HAESBAERT, Rogério. **Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas**. Antares-Letras e Humanidades, p. 2-24, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina (Orgs). **Literatura infantil: uma nova outra história**. Curitiba: PUCPRes, 2017.

LIMEIRA, Josué. **O pequeno príncipe em cordel**. Ilustrador Vladimir Barros – 2. ed. rev.; 2. Reimp. – Belo Horizonte: Yellowfante, 2023.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez 2012.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SAINT-EXUPÉRY, Antonie. **O pequeno príncipe**. Com aquarelas do autor; tradução de Dom Marcos Barbosa. – Ed. rev. – Rio de Janeiro: PorcketOuro, 2008.